

A PÍTHIA DE DELFOS: GÊNERO E PROFECIA ATRAVÉS DAS EMISSÕES MONETÁRIAS DE CROTONA

Danielly Baldenebro¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar a importância simbólica e social da Píthia, sacerdotisa do oráculo de Apolo, no contexto da religiosidade grega, a partir da análise da iconografia monetária da pólis de Crotona. Por meio da presença recorrente da trípode — símbolo oracular diretamente associado a Apolo — nas moedas crotoniatas, torna-se possível compreender como a imagem de Apolo foi mobilizada para legitimar a fundação da cidade e fortalecer vínculos com o mundo helênico. A escolha desse símbolo revela a dimensão religiosa e política da colonização grega no Ocidente, ao mesmo tempo que reforça o papel central da mediação profética na construção da identidade religiosa. A figura da Píthia, embora ausente fisicamente na iconografia, é evocada pela trípode como intermediária entre o divino e o humano, destacando uma presença feminina recorrente em um contexto patriarcal. A análise se apoia em fontes textuais antigas, como Heródoto e Diodoro Sículo, e nas contribuições dos estudos de gênero, buscando compreender como os símbolos oraculares contribuíram para a construção identitária das pólis coloniais.

Palavras-chave: Píthia; Iconografia monetária; Delfos.

THE PYTHIA OF DELPHI: GENDER AND PROPHECY THROUGH THE COINAGE OF CROTON

Abstract: This article aims to investigate the symbolic and social significance of the Pythia, priestess of the oracle of Apollo, within the context of Greek religiosity, through the analysis of the monetary iconography of the polis of Croton. The recurring presence of the tripod — an oracular symbol directly associated with Apollo — on Crotonian coins makes it possible to understand how Apollo's image was employed to legitimize the city's foundation and to strengthen its connections with the Hellenic world. The choice of this symbol reveals the religious and political dimensions of Greek colonization in the West, while also emphasizing the central role of prophetic mediation in the construction of religious identity. Although the Pythia is physically absent from the iconography, she is evoked by the tripod as an intermediary between the divine and the human, highlighting a recurring female presence within a patriarchal context. The analysis draws on ancient textual sources, such as Herodotus and Diodorus Siculus, and on contributions from gender studies, seeking to understand how oracular symbols contributed to the identity formation of the colonial poleis.

Keywords: Pythia; Monetary iconography; Delphi.

¹Historiadora pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Aluna pesquisadora no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP). Pesquisadora do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial – USP (LARP-MAE-USP) <https://www.larp.mae.usp.br/>.
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7526214025273376>.
E-mail: danibalden@usp.br.

Introdução

A presença feminina em espaços de cultos e expressões religiosas na Grécia Antiga, sobretudo em uma sociedade marcada pelo patriarcado, levanta questionamentos acerca da construção de gênero e da legitimidade simbólica do feminino no mundo antigo. Entre essas figuras, a Pítia, sacerdotisa do deus Apolo no oráculo de Delfos, ocupa um papel central como intermediária entre o divino e o humano, sendo responsável por verbalizar as profecias que orientavam decisões políticas, militares e sociais. Sua atuação, no entanto, não se restringe ao plano religioso: ela também revela tensões e possibilidades dentro das estruturas de poder que excluía as mulheres da esfera pública.

A cultura oracular grega, e especialmente o santuário de Delfos, foi responsável pela expansão das práticas proféticas para além do Mediterrâneo. Nesse cenário, a imagem da Pítia se projeta como um símbolo que transcende os limites geográficos e ganha ressignificações conforme o contexto local. Um dos exemplos mais significativos desse processo está na cidade de Crotona, situada no sul da Itália, cuja iconografia monetária revela vínculos com o universo délfico. As moedas crotoniatas, cunhadas a partir do século VI a.C., apresentam representações recorrentes da trípole — símbolo oracular associado a Apolo e à prática profética —, funcionando como um marcador visual de identidade religiosa e política.

Este artigo investigará como a imagem da Pítia é evocada simbolicamente por meio da cultura material, em especial pela iconografia da trípole presente nas moedas de Crotona. A questão que orienta esta pesquisa é: como a representação desse elemento nas moedas crotoniatas pode revelar a centralidade simbólica da figura da Pítia na articulação entre religião, poder e gênero na Grécia Antiga? Sob a perspectiva metodológica, o estudo adota uma análise qualitativa dos elementos iconográficos presentes nas moedas crotoniatas, considerando suas formas, símbolos e composições como expressões de significados culturais e religiosos. A investigação busca

interpretar como esses elementos, especialmente a trípole, os animais e as inscrições, refletem concepções simbólicas associadas à Pítia e ao oráculo de Delfos. Assim, a metodologia privilegia a leitura interpretativa das imagens, entendendo-as como construções discursivas que revelam valores, crenças e representações do feminino na religiosidade grega antiga.

O santuário de Delfos e o funcionamento da prática oracular

Localizado na região central da Grécia continental, aos pés do monte Parnaso, o santuário de Delfos foi um dos mais importantes centros religiosos do mundo grego, consagrado ao deus Apolo. Considerado o “umbigo do mundo” (*omphalos*), Delfos reunia significado religioso, político e cultural, sendo um ponto de convergência de diversas pólis que buscavam, por meio da prática oracular, legitimar decisões e afirmar vínculos com o divino.

A origem do santuário de Delfos é amplamente fundamentada em narrativas míticas que buscam entender e explicar sua fundação, bem como sua profunda conexão com o deus Apolo. Embora a história e a arqueologia apontem sua existência já entre os séculos IX e VIII a.C., mais precisamente no período Geométrico Médio II², o mito sobre o nascimento de Delfos atua como uma forma de legitimar a centralidade daquele local, considerando os inúmeros recursos simbólicos que o envolviam.

Diversas versões desse mito circularam no mundo antigo, sendo a mais conhecida aquela em que Apolo derrota a serpente Python e assume o poder sobre o santuário profético. Esse episódio nos permite compreender como certas características do mito de Apolo se entrelaçam com o papel da Pítia como sua sacerdotisa, evidenciado em elementos como o nome que ela recebe, o local físico onde se sentava, o surgimento dos supostos gases inalados e toda a atmosfera “divinatória” que envolvia sua atuação³.

² CABRAL, Luiz Alberto Machado. *Hino Homérico a Apolo*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

³ Além do nome dado à sacerdotisa, é provável que todo o contexto oracular de Delfos se baseie em sua história. Segundo Heródoto: “Pitoniso é o nome que se dá ao delegado enviado a Delfos para consultar o oráculo” (HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Pierre Henri

Pítia deriva de Pítion, um dragão fêmea mítico, que perseguiu Leto, a mãe dos gêmeos Apolo e Ártemis. Pítion foi morto por Apolo que lhe retirou a pele e cobriu com ela a trípode de bronze, onde sentava-se a Pítia ou Pitonisa, possuída por Apolo, para responder às consultas aos que reverenciavam Apolo⁴.

No *Hino Homérico a Apolo*, composto entre os séculos VII e VI a.C., o mito é apresentado como uma narrativa heroica e etiológica. Apolo, recém-nascido, procura um local para estabelecer seu oráculo, chegando à região de Delfos. Lá, confronta Python, a serpente que aterrorizava e “governava” o local, e a derrota com suas flechas. A morte de Python marca o início do domínio de Apolo sobre o espaço sagrado, reforçando sua autoridade como deus da profecia⁵.



Figura 1: Moeda de prata, Crotona, ca. 400–350 a.C. Anverso com cabeça laureada de Apolo; reverso com Apolo sentado em atitude de atacar a serpente Pítion, conforme a mitologia fundacional do oráculo de Delfos.

Fonte: © The Trustees of the British Museum

Já em *Eumênides*, tragédia de Ésquilo, o mito da fundação do oráculo aparece de maneira totalmente distinta. Logo no início da peça, a sacerdotisa apresenta uma sucessão de divindades femininas — Gaia, Têmis e Febe —, que, de forma melodiosa, transferem o controle do oráculo para Apolo. Nessa versão, não há qualquer menção a violência ou conflito: Apolo assume o oráculo não pela conquista, mas por meio de uma herança simbólica, consentida e ordenada. A escolha de Ésquilo parece dialogar com

Larcher. [S. l.]: EbooksBrasil, 2006. p. 471. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2025).

⁴ DA SILVA, Amós Côelho. A adivinha de Esaú e Jacó. *Principia*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 27-37, 2010. p. 27.

⁵ Para melhor entender a narrativa histórica de Apolo, ver: CABRAL, Luiz Alberto Machado. *Hino Homérico a Apolo*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

a própria temática da peça, que valoriza a superação da vingança pela justiça e a instauração de uma nova ordem baseada na lei e na razão⁶.

Por outro lado, Eurípides retoma um tom mais tradicional e heroico em *Ifigênia entre os Tauros*. Em um hino coral da peça, Apolo, ainda criança, aparece nos braços de sua mãe, Leto, derrotando a serpente Python e assumindo o oráculo. A cena é carregada de emoção e grandiosidade, com a imagem da trípole aparecendo como símbolo da conquista do espaço sagrado. Essa versão reforça o aspecto guerreiro do deus desde seu nascimento, evidenciando que o domínio do oráculo também podia ser interpretado como um ato de força, glória e afirmação divina⁷.

É fundamental ressaltar que, por serem mitos, esses episódios não podem ser interpretados como representações de eventos com total veracidade, mas como narrativas que carregam profundos significados religiosos e culturais para a sociedade grega.

As diferentes versões que narram a fundação do oráculo de Delfos, sejam elas marcadas pela violência ou por uma sucessão pacífica entre divindades, mostram mais do que simples variações literárias. Essas, por sua vez, contribuem para compreender de que maneira, ao longo do tempo, o domínio de Apolo sobre aquele espaço sagrado foi sendo construído e justificado. Independentemente do caminho escolhido — pela força ou pela transmissão simbólica —, o que se mantém é a tentativa de afirmar Delfos como um centro espiritual importante dentro do mundo grego. É justamente nesse ponto que mito e história acabam se cruzando.

Embora Apolo fosse reverenciado como o deus da profecia e tradicionalmente vinculado à trípole oracular, é por meio da figura da Pífia que sua voz se concretiza e ganha eficácia. Aqui, concentrar-nos-emos justamente nessa presença feminina, que atua como mediadora entre o

⁶ ÉSQUILO. *Oresteia: Agamêmnon, Coéforas, Eumênides*. Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 277–278.

⁷ EURÍPIDES. *Ifigênia entre os Tauros*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Escala, 2007.

sagrado e o terreno, destacando como sua intervenção transcende o domínio estritamente religioso para assumir relevância também no campo político — sobretudo no contexto das fundações coloniais do mundo grego.

Entre Delfos e Crotona: colonização grega, construção identitária e iconografia monetária

Como observa Pontin⁸, o oráculo de Delfos exerceu um papel central no processo de “colonização”⁹ grega, funcionando como um espaço de consulta e validação simbólica para as fundações no Mediterrâneo ocidental. Além disso, por conta de sua localização privilegiada, a região de Delfos facilitava o contato com outras cidades que, posteriormente, fariam parte desse movimento. Sobre isso, Pontin destaca:

Tem que se levar em conta também a posição geográfica do santuário, que lhe assegurou a clientela das cidades do golfo de Corinto e das regiões vizinhas. Delfos tinha um acesso fácil para os peloponésios e para os habitantes da Grécia central e sua posição em relação às cidades que vão ter um papel de primeiro plano na colonização grega no Ocidente deve ter contribuído ao sucesso do oráculo. É muito provável que Delfos fosse também, nestas circunstâncias, um polo promotor de contatos e trocas entre fundadores vindos de regiões diferentes¹⁰.

A ligação entre Delfos e o movimento colonizador grego revela-se também em aspectos simbólicos, como exemplifica a fundação de Crotona — uma das mais proeminentes pólis da Magna Grécia, situada no sul da península Itálica. De acordo com a tradição helênica, Apolo era reconhecido como *archegétēs*, isto é, a divindade que simbolicamente conduzia o processo de fundação de uma nova cidade¹¹. Nesse contexto, a consulta ao

⁸ PONTIN, Patrícia. O oráculo de Delfos e a colonização grega: a construção de uma ideologia política. *Interações*, [s. l.], v. 9, n. 17, p. 171-185, 2008.

⁹ O termo “colonização” aparece entre aspas pois pode levar a interpretações equivocadas. Diferente do sentido moderno de colônia, como extensão subordinada a uma metrópole, muitas cidades gregas fundadas na Antiguidade eram comunidades autônomas, com organização política própria.

¹⁰ PONTIN, Patrícia. O oráculo de Delfos e a colonização grega: a construção de uma ideologia política. *Interações*, [s. l.], v. 9, n. 17, p. 171-185, 2008. p. 175.

¹¹ PONTIN, Patrícia. O oráculo de Delfos e a colonização grega: a construção de uma ideologia política. *Interações*, [s. l.], v. 9, n. 17, p. 171-185, 2008. p. 171.

oráculo de Delfos, realizada antes da partida dos colonos, ultrapassava a dimensão de um simples ritual; tratava-se, na verdade, de um ato que conferia legitimidade sagrada à nova comunidade, concebida como expressão direta da vontade dos deuses.

Crotona, por estar localizada em uma posição estratégica naquela região, mostra um exemplo claro dessa construção simbólica. Sua relevância pode ser percebida não apenas por meio de elementos mitológicos ou iconográficos, mas também por registros históricos, como o de Heródoto. No Livro III de suas *Histórias*, ele menciona Demócetes, médico nascido em Crotona, cuja reputação foi tamanha que chegou a atuar na corte do rei persa Dario¹². Ao destacá-lo como “crotoniate de nascimento”, Heródoto reforça a imagem da cidade como um centro respeitado e plenamente inserido nas dinâmicas culturais e políticas do mundo grego.

A presença de Crotona nas fontes textuais demonstra que a cidade não ocupava uma posição periférica entre as colônias gregas; ao contrário, afirmava-se como uma pólis de reconhecido prestígio, capaz de mobilizar de forma estratégica e simbólica os repertórios religiosos e mitológicos para consolidar sua proeminência. Sua fundação, guiada pelas instruções do oráculo de Delfos através da voz da Pítia, integrava-se a um sistema simbólico mais abrangente, no qual a autoridade de Apolo, na condição de *archegétēs*¹³, conferia uma legitimação sagrada à nova comunidade. Nesse cenário, a consulta ao oráculo transcendia a função prática de escolha territorial ou de ratificação cerimonial do empreendimento colonizador;

¹² HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Pierre Henri Larcher. [S. l.]: EbooksBrasil, 2006. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2025.

¹³ Segundo o glossário do Labeca (<https://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>), o vocábulo *arquegeta*, derivado do grego ἀρχηγέτης (*archegétēs*), refere-se àquele que dá início ou estabelece algo. Na cultura grega, esse termo aparece como epíteto de Apolo, evidenciando sua função como fundador e iniciador dentro do contexto mitológico e religioso.

constituía, antes, um ato inaugural de natureza sacral, que instituía a nova pólis sob o signo da vontade divina.

A fundação da cidade, então, encontrou expressão concreta nas primeiras emissões monetárias de Crotona, que traziam gravado o rosto de Apolo e a trípole. Crotona destacou-se como uma das primeiras regiões a iniciar a cunhagem de moedas, datada em 530 a.C., adotando como elementos centrais em seu anverso e reverso a simbologia apolínea e délfica, reforçando, assim, sua ligação com o sagrado e com a autoridade de Apolo¹⁴.

Assim, essa escolha imagética não apenas reafirmava os vínculos com Delfos, mas também projetava, por meio da circulação monetária, uma identidade enraizada na sacralidade do oráculo. Diante de um cenário em que as moedas já excediam seu valor econômico para assumir papéis políticos e religiosos, a repetição de símbolos ligados a Apolo, especialmente a trípole, revela uma estratégia deliberada de consolidação da legitimidade cívica de Crotona.

Desde 530 a.C., o trípole foi escolhido também como emblema da cidade de Crotona, que cunhou a moeda que estamos analisando. O motivo dessa escolha foi a intenção de remeter ao vínculo existente entre Crotona e o famoso santuário, de acordo com o mito de fundação da cidade¹⁵.

A trípole e a voz da Píthia: símbolo da mediação oracular

Antes de assumir um lugar central na prática oracular de Delfos, o tripé já integrava o repertório simbólico do mundo grego como objeto ritual associado aos deuses e aos cultos heroicos. Ainda que a trípole esteja tradicionalmente associada a Apolo, sua imagem carrega múltiplos sentidos,

¹⁴ LAKY, Lilian de Angelo. Crotona e suas conexões religiosas e políticas com Olímpia nos séculos VI, V e IV a.C.: as evidências das imagens monetárias de águia e raios. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 69, n. 1, p. 136-162, 2021.

¹⁵ FRIGERIO, Giulia. *The Myth of the Foundation of the Oracle of Delphi. Apollo and Python. A Literary and Iconographic Analysis*. Quaderni Borromaiici Saggi Studi Proposte, 2018, p. 32.

que variam entre usos práticos cotidianos e significados profundamente simbólicos ligados à prática oracular. Sobre o objeto, Diodoro afirmava:

E este dispositivo tem três suportes e por isso foi chamado de tripé, e, ousando dizer, todos os tripés de bronze que são construídos até hoje são feitos em imitação deste dispositivo. De que maneira, então, o oráculo foi descoberto e por quais razões o tripé foi concebido, acho que já contei com bastante detalhes¹⁶.

De fato, trata-se de um dos objetos mais emblemáticos no universo délfico, não apenas pela quantidade significativa de exemplares encontrados na região, mas também por sua persistência visual em diversos contextos religiosos. Os tripés, originalmente usados como suporte para caldeirões — tanto em rituais quanto em tarefas domésticas —, passaram a figurar como prêmios votivos e símbolos de consagração. Heródoto relata, por exemplo, que os vencedores dos jogos em honra a Apolo Triópico recebiam tripés de bronze, que deveriam ser consagrados ao deus, como gesto de gratidão e respeito sagrado¹⁷.

Entre suas várias funções, destaca-se aquela que constitui o foco de análise deste estudo e tornou-se símbolo central da paisagem oracular de Delfos: o uso mântico da trípole¹⁸. Trata-se do modelo associado à arte da adivinhação, que servia de assento para a Pítia durante os ritos proféticos.

Diodoro Sículo menciona que foi inventado um dispositivo sobre o qual a sacerdotisa pudesse se sentar com segurança para entrar em transe e transmitir as mensagens divinas: “[...] os primeiros oráculos dados foram por

¹⁶ DIODORUS SICULUS. *Diodorus of Sicily*. Tradução de C. H. Oldfather. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; Londres: William Heinemann, 1989. v. 4-8. Disponível em: <http://data.perseus.org/citations/urn:cts:greekLit:tlg0060.tlg001.perseus-eng1:16.26.6>. Acesso em: 20 out. 2025.

¹⁷ HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Pierre Henri Larcher. [S. l.]: EbooksBrasil, 2006. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2025.

¹⁸ Segundo Karl Otfried Müller (1825), a trípole desempenhava um papel central no contexto espiritual de Delfos, estando intimamente associado ao culto de Apolo e à prática oracular exercida pelas Pítias, funcionando como símbolo da mediação.

meio da inspiração da Terra; mais tarde, a arte profética foi atribuída a Apolo, que estabeleceu a Píthia como intermediária sentada sobre um trípode"¹⁹.



Figura 2: Moeda de prata, Crotona, ca. 530 a.C. Anverso com trípode central em posição frontal, ladeado por elementos decorativos e legenda KPOTON (identificação da cidade); reverso com imagem incusa, técnica típica das primeiras emissões monetárias dessa região.

Fonte: © The Trustees of the British Museum

Em outra passagem, Diodoro também afirma “E para ela foi inventado um dispositivo que ela poderia montar com segurança, então se inspirar e dar profecias para aqueles que assim desejassem”²⁰.

A partir disso, a trípode ganha contornos não apenas religiosos, mas também simbólicos, tornando-se suporte da fala feminina no oráculo e elemento visual que, mesmo isoladamente, evoca o ambiente oracular e a mediação profética. A moeda analisada neste artigo, ao estampar o elemento pítico, cria uma composição que reforça a dimensão sacra da fundação de Crotona e sua ligação com Delfos.

Entretanto, ainda sobre a utilização do tripé na simbologia oracular, é possível observar que, em algumas descrições de suas funcionalidades — especialmente na iconografia representada por diferentes moedas —, o objeto não mantém a mesma estrutura da versão cunhada nas moedas de 530 a.C. Nessa emissão mais antiga, o tripé apresenta-se com formato semelhante a um assento ritual. Em outros casos, porém, é representado como

¹⁹ DIODORUS SICULUS. *Diodorus of Sicily*. Tradução de C. H. Oldfather. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; Londres: William Heinemann, 1989. v. 4-8.

²⁰ DIODORUS SICULUS. *Diodorus of Sicily*. Tradução de C. H. Oldfather. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1989. v. 4-8. Disponível em: <http://data.perseus.org/citations/urn:cts:greekLit:tlg0060.tlg001.perseus-eng1:16.26.6>. Acesso em: 20 out. 2025.

um objeto de uso social, cultural ou mesmo doméstico, evidenciando a variedade de significados atribuídos a esse artefato ao longo do tempo.

Além da representação da trípole, outras moedas dessa cunhagem apresentam simbologias que se conectam à mitologia de Delfos e à relação do oráculo com a fundação de Crotona. Entre esses elementos, destacam-se animais marítimos, que remetem à riqueza natural dos mares da região, assim como o golfinho, símbolo da presença e importância de Apolo nas águas. Esse elemento é demonstrado neste reverso de uma moeda:



Figura 3: Moeda de prata, Crotona, ca. 500–480 a.C. Anverso com trípole central, ladeado por elementos animais, como o caranguejo, e legenda ϕΠΟ, indicando o nome da cidade; reverso com trípole acompanhada de um golfinho à direita.

Fonte: © The Trustees of the British Museum

Portanto, é evidente que essa simbologia demonstra a relevância do papel oracular desempenhado pela Pítia e pelo santuário de Delfos, cuja presença, assentada sobre a trípole, a configurava como mediadora da manifestação divina. Embora esse objeto, tanto em sua dimensão visual quanto ritual, seja tradicionalmente vinculado a Apolo, era a voz da sacerdotisa que ecoava no interior do templo. Era ela quem proferia tais palavras e adivinhações. A imagem desse tripé, assim, não remete unicamente à divindade que inspirava, mas igualmente à mulher que expressava tal inspiração — é nesse entrelaçamento que a materialidade do objeto se torna um símbolo: o assento de bronze sustenta, de modo literal e simbólico, o corpo e a autoridade daquela sacerdotisa.

A ausência da figura da Pítia na iconografia não implica sua irrelevância, ao contrário, é justamente a força simbólica da trípole que

remete à sua atuação. A Pítia, por sua vez, desempenhou um papel decisivo em momentos cruciais da história de diversas pólis, inclusive em Crotona. Fontes distintas destacam e associam a trípode a Apolo, mas, nesta interpretação, ele será considerado como símbolo da atividade pítica, representando a Pítia ao receber as profecias do deus. Assim, o objeto representado no moedas crotoniatas revela-se como uma imagem condensada de um rito sagrado, feminino e dotado de poder legitimador.

Legitimação social feminina: a mulher que falava por Apolo

Falar da prática oracular e de toda a atmosfera que a envolve é indispensável para refletir sobre a figura emblemática da mulher que lhe dava voz. Em primeiro plano, é importante ressaltar que essa mulher, no contexto em que estava inserida, não se limitava apenas aos rituais religiosos — ela atravessava questões sociais e políticas na organização das pólis gregas. O mundo externo voltava-se para ela, buscando o conhecimento que ecoava por meio de sua voz.

Considerando que, em uma sociedade na qual a voz feminina no espaço público era parcialmente limitada, a presença da Pítia não apenas se fazia ouvir, mas determinava pontos cruciais em nome de Apolo²¹. É exatamente essa questão que instiga e interessa neste estudo — a compreensão da legitimidade social atribuída a essa mulher no exercício da profecia e de como sua palavra, ainda que atribuída ao deus, operava como forma de validação política e religiosa dentro da sociedade grega.

A atuação da Pítia no oráculo de Delfos ultrapassava o cenário profético já conhecido por todos, configurando-se como um ritual elaborado que a posicionava no centro das decisões sociais e políticas do mundo grego antigo. Conforme relata Diodoro Sículo, com a passagem da autoridade

²¹ “A voz profética de maior autoridade da Grécia antiga era a voz feminina da Pítia” (GIORDANO, Cristiano. *Antropologia do mundo antigo: mitologia e sociedade na Grécia clássica*. São Paulo: Odisseus, 2000, p. 383).

profética das antigas divindades ctônicas para Apolo, instituiu-se a figura da sacerdotisa como mediadora oficial da vontade divina: “[...] os primeiros oráculos foram dados sob a inspiração da Terra; mais tarde, a arte profética foi confiada a Apolo, que estabeleceu a Pítia como intermediária, sentada sobre um tripode”²².

De acordo com Plutarco, as Pítias transmitiam as respostas do deus diretamente, em estado de transe e em forma de versos, sem a intervenção de sacerdotes²³. Essa voz feminina, ao canalizar as palavras de Apolo, detinha o poder de influenciar não apenas destinos individuais, mas também os rumos coletivos da pólis, como exemplifica Heródoto ao narrar a consulta feita por Creso antes de empreender sua campanha militar²⁴.

Conforme analisa Violaine Sebillotte-Cuchet²⁵, o gênero, na Grécia clássica, operava como um elemento variável que se manifestava de modos distintos segundo os contextos sociais e rituais. As mulheres, ainda que ausentes das esferas deliberativas formais, participavam ativamente das práticas cívicas por meio de funções religiosas e simbólicas que reforçavam a coesão da pólis. Nesse sentido, a Pítia encarna uma forma de cidadania espiritual, cuja autoridade profética legitima-se não pela presença política direta, mas pela capacidade de representar a voz divina em nome da comunidade. Sua palavra, autorizada pelo próprio Apolo, adquire legitimidade coletiva, revelando que a religiosidade também operava como um campo de mediação entre gênero e poder.

²² DIODORUS SICULUS. *Diodorus of Sicily*. Tradução de C. H. Oldfather. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; Londres: William Heinemann, 1989. v. 4-8. Disponível em: <http://data.perseus.org/citations/urn:cts:greekLit:tlg0060.tlg001.perseus-eng1:16.26.6>. Acesso em: 20 out. 2025.

²³ PLUTARCO. *Moralia*. Trad. e ed. variáveis conforme a versão utilizada. In: PLUTARCH. *Moralia*, vol. IX. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1936. (Loeb Classical Library, 396A).

²⁴ HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Pierre Henri Larcher. [S. l.]: EbooksBrasil, 2006. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2025.

²⁵ SEBILLOTTE-CUCHET, Violaine. Cidadãos e cidadãs na cidade grega clássica: onde atua o gênero? *Tempo*, [s. l.], v. 21, n. 38, p. 285-303, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/tem-1980-542x2015v213805>. Acesso em: 20 out. 2025.

A prática “ritualística”²⁶ que envolve a Pítia consistia em um estado de transe, compreendido pelos gregos como um momento no qual a identidade da mulher era temporariamente suspensa, permitindo-a que fosse diretamente atribuída ao deus Apolo. Nesse sentido, Quinton Deeley²⁷ observa que “a principal característica da possessão é a substituição aparente da identidade usual de um indivíduo por outra personalidade — seja um deus, demônio, espírito ou ancestral — que passa a se manifestar através dela”. No caso específico da Pítia, reconhecia-se o próprio Apolo como o agente que era posto em atividade, sendo o ritual concebido para canalizar a vontade divina por meio dessa mulher.

A figura social dessa mulher carregava implicações importantes no mundo antigo, desde o processo de escolha até a tomada de posse do trono délfico. Embora diferentes fontes e literaturas indiquem divergências sobre qual seria o perfil ideal da sacerdotisa ao longo do tempo, em geral, ela era escolhida entre mulheres livres, naturais de Delfos e de reputação íntegra. Porém, segundo Plutarco, um acontecimento trágico interrompeu essa forma de admissão da sacerdotisa:

Antigamente, as Pítias eram escolhidas entre jovens virgens, mas depois de um episódio de violência cometido contra uma delas por um consulente, decidiu-se que as sacerdotisas seriam mulheres mais velhas, de vida irrepreensível, pertencentes à comunidade de Delfos²⁸.

É a partir dessa descrição de violência que propomos, de modo analítico, uma reflexão sobre como essa figura tão importante se conecta aos

²⁶ O uso de aspas em “ritualística” indica uma precaução conceitual, já que, como aponta Ullucci (2012), a noção de “ritual” carrega implicações modernas que tendem a reduzir ou distorcer a complexidade das práticas religiosas na Antiguidade, que, na verdade, devem ser entendidas como processos sociais localizados e ritualizações específicas de cada contexto cultural.

²⁷ DEELEY, Quinton. *The Pythia at Delphi: a cognitive reconstruction of oracular possession*. [S. l.: s. n.], 2019. p. 227.

²⁸ PLUTARCO. *Moralia*. Trad. e ed. variáveis conforme a versão utilizada. In: PLUTARCH. *Moralia*, vol. IX. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1936. (Loeb Classical Library, 396A).

discursos e debates acerca do impacto social de uma cultura patriarcal, que caminha lado a lado com a existência feminina na sociedade.

A partir de uma análise interpretativa ancorada nos estudos de gênero, o oráculo de Delfos e a atuação da Pítia podem ser compreendidos como parte de uma complexa rede de significados simbólicos e sociais que ultrapassam a dimensão puramente religiosa. A composição do ritual, que envolve a trípode, a fumaça, o transe e o próprio corpo da Pítia, configurava-se como uma performance social carregada de simbolismo, na qual a agência feminina, embora delimitada, não se via anulada. Ao contrário, tornava-se ponto de convergência para reflexões sobre a legitimidade no imaginário helênico.

Com base na perspectiva foucaultiana, tanto a prática oracular quanto a atuação da Pítia podem ser entendidas como dispositivos que articulam poder e saber. Nesse sentido, Foucault²⁹ argumenta que as sociedades estabelecem regimes discursivos que definem quem tem legitimidade para falar, o que pode ser dito e em quais contextos. Dentro desse quadro, mesmo em uma cultura marcada por severas restrições à expressão pública feminina, a Pítia ocupava uma posição paradoxal: ao mesmo tempo sujeita e meio de manifestação do discurso divino. Sua voz, embora oficialmente atribuída a Apolo, tinha o poder de influenciar decisões políticas e moldar convenções sociais, evidenciando como certos espaços de atuação feminina, mesmo rigidamente vigiados e subordinados, podiam operar como instâncias de autoridade simbólica.

Essa tensão é cuidadosamente discutida por Mary Beard³⁰, ao analisar os mecanismos de construção da autoridade feminina na Antiguidade. A autora observa que, quando às mulheres era permitido falar em público, isso se dava sob condições específicas: ou mediadas pela voz divina ou relegadas à margem do discurso legítimo.

²⁹ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso (L'Ordre du Discours)*. Paris: Gallimard, 1971.

³⁰ BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. São Paulo: Planeta, 2018.

A figura da Pítia ilustra exemplarmente essa negociação delicada, cuja voz era, simultaneamente, celebrada e controlada, exaltada e regulamentada. A leitura desse papel social evidencia de que maneira a cultura material, os relatos literários e a performance ritual se articularam para legitimar e, ao mesmo tempo, limitar a autoridade feminina no imaginário helênico.

Conclusões finais

A permanência da Pítia como intermediária oficial do oráculo, mesmo após a apropriação do santuário de Delfos por Apolo e o fortalecimento das estruturas patriarcais nas pólis gregas, revela não apenas a resiliência e a continuidade das tradições religiosas helênicas, mas também as tensões persistentes entre o domínio masculino e a legitimação simbólica da palavra feminina. Ainda que a mensagem proferida pela sacerdotisa fosse atribuída à divindade, era, na prática, por meio do corpo e da voz de uma mulher que os desígnios divinos se materializavam, conferindo a ela um espaço de autoridade pública praticamente exclusivo em uma sociedade que restringia severamente a participação das mulheres.

Nesse contexto, a posição ocupada pela Pítia revela uma ambiguidade significativa. Ao mesmo tempo que se constituía como instrumento da vontade de Apolo, era também agente indispensável para a prática oracular, transitando por esferas simbólicas e políticas das quais as demais mulheres permaneciam excluídas. Sua atuação ultrapassava os limites do religioso, desempenhando um papel decisivo nas esferas social, política e cultural das pólis gregas e de suas colônias. Assim, a Pítia não era apenas uma intermediária, mas encarnava uma instância de poder ritual e simbólico cuja importância social é incontornável para a compreensão das dinâmicas de gênero e das formas de legitimação da autoridade feminina na Antiguidade.

Por fim, este trabalho buscou demonstrar como a iconografia monetária de Crotona, ao representar a trípode, reforçava essa conexão sagrada com

Delfos e com a atividade da Pítia, perpetuando não apenas uma memória religiosa, mas também uma afirmação social da mulher no imaginário simbólico grego. A leitura da cultura material e das fontes textuais, a partir das perspectivas dos estudos de gênero, permite, portanto, resgatar dimensões sociais frequentemente silenciadas, reposicionando a Pítia como protagonista essencial no universo religioso e político do mundo helênico.

Referências

Autores antigos

DIODORUS SICULUS. *Diodorus of Sicily*. Tradução de C. H. Oldfather. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; Londres: William Heinemann, 1989.

ÉSQUILO. *Oresteia: Agamêmnon, Coéforas, Eumênides*. Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

EURÍPIDES. *Ifigênia entre os Tauros*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Escala, 2007.

HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Pierre Henri Larcher. [S. l.]: EbooksBrasil, 2006. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2025.

Documentação numismática

BRITISH MUSEUM. Coleção Numismática: Crotone. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/search?place=Crotone%20%28town%29>. Acesso em: 20 out. 2025.

Referências bibliográficas

BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. São Paulo: Planeta, 2018.

CABRAL, Luiz Alberto Machado. *Hino Homérico a Apolo*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

DA SILVA, Amós Côelho. *A adivinha de Esaú e Jacó*. *Principia*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 27-37, 2010.

DEELEY, Quinton. *The Pythia at Delphi: a cognitive reconstruction of oracular possession*. [S. l.: s. n.], 2019.

FRIGERIO, Giulia. *The Myth of the Foundation of the Oracle of Delphi. Apollo and Python. A Literary and Iconographic Analysis*. Quaderni Borromaici Saggi Studi Proposte, 2018. p, 32.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso (L'Ordre du Discours)*. Paris: Gallimard, 1971.

GIORDANO, Cristiano. *Antropologia do mundo antigo: mitologia e sociedade na Grécia clássica*. São Paulo: Odisseus, 2000.

LAKY, Lilian de Angelo. Crotona e suas conexões religiosas e políticas com Olímpia nos séculos VI, V e IV a.C.: as evidências das imagens monetárias de águias e raios. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 69, n. 1, p. 136-162, 2021.

MÜLLER, Karl Otfried. *Sobre os tripés. Amalthea*, [s. l.], v. 3, 1825.

PONTIN, Patrícia. O oráculo de Delfos e a colonização grega: a construção de uma ideologia política. *Interações*, [s. l.], v. 9, n. 17, p. 171-185, 2008.

SEBILLOTTE-CUCHET, Violaine. Cidadãos e cidadãs na cidade grega clássica: onde atua o gênero? *Tempo*, [s. l.], v. 21, n. 38, p. 285-303, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/tem-1980-542x2015v213805>. Acesso em: 20 out. 2025.

ULLUCCI, Daniel. Sacrifice in the ancient mediterranean: recent and current research. *Religious Compass*, [s. l.], v. 6, n. 8, p. 310-322, 2012.